



Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na sala de aula

Rita Patricia Caceres de Laforet¹

laforet@csj.com.br

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Eduarda Gonçalves²

dudagon@terra.com.br

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Resumo: O presente artigo discorre sobre as táticas para desenvolver atividades artísticas durante as aulas ministradas no segundo ano do ensino fundamental. Assim como, revela algumas reflexões sobre a importância de envolver o estudo das disciplinas de Matemática, História e Geografia, Ciências e Língua Portuguesa com a linguagem da arte. O meu interesse em pensar e refletir sobre esta área está atrelado à minha história pessoal, às minhas vivências docentes e o interesse pela cultura artística, como educadora, formada em pedagogia e atuando há mais de 20 anos na educação infantil. Acredito que a linguagem da arte, além de auxiliar na autonomia corporal, no saber sensível e expressivo, é impulsionadora de uma aprendizagem cognitiva prazerosa e inventiva, visto que a criança aprende através da significação que vai dar às suas vivências e as mais distintas experiências. As ações voltadas às linguagens artísticas propiciam a interação entre a razão e a sensação. Uma educação integral do ser humano deve levar em conta que somos constituídos pelas faculdades sensíveis e intelectivas. A inserção da criança no mundo das letras-letramento deve levar em conta esta formação integral. Eu acredito que as artes visuais podem alargar o modo como nos percebemos e o modo como percebermos o mundo. Podemos olhar de muitos pontos de vista. Isso pode ser proporcionado às crianças na escola, através de vivências as mais distintas que são evidenciadas pela arte.

Palavras-chave: Táticas; ensino das artes; Ensino Fundamental.

Introdução

Nossos caminhos são percorridos não por acaso, pois "(...) os acasos acontecem em estranhas coincidências. Eles nos acenam. E nós já sabemos do que se trata: uma nova compreensão de coisas que no fundo sempre existiram em nós." (OSTROWER, 2013, p. 27). Por que somente agora estou imbuída em questionar e refletir algumas questões relacionadas ao fazer e em especial ao fazer artístico?

Um pouco de acaso em uma vida planejada pode nos levar a caminhos diversos aos que estávamos acostumados a trilhar e também nos dá a possibilidade de redirecionar nossas ações. A opção de cursar um mestrado em artes visuais foi

¹ Professora pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa: Ensino da Arte e Educação Estética.

² Artista plástica e professora dos Cursos de Graduação e Mestrado em Artes Visuais CA/UFPEL.



algo que foi sendo vislumbrado de maneira inusitada em minha vida, e fico grata pelos vínculos alinhavados, pelas conversas tecidas e, acima de tudo, pela troca de afetos com as pessoas com as quais atravessei e fui atravessada na trajetória em busca de saberes e da qualificação docente. Tudo isto me oportunizou olhar, perceber, sentir e construir com afeto e emoção as minhas vivências pessoais e profissionais.

A formação como pedagoga não me possibilitou adquirir um embasamento na área de artes, mas mesmo assim sempre procurei proporcionar atividades que instigassem e desenvolvessem o lado sensível das crianças, utilizando materiais e um parco número de produções artísticas. Entretanto, sempre acreditei que o contato dos pequenos com os materiais plásticos e sua interação com o outro, os conduz a uma auto-aprendizagem a favor da inseparabilidade entre o sensível e o inteligível, inserindo estes nas práticas culturais, sociais, históricas e estéticas. De acordo com Meira e Pillotto:

Ao refletir sobre o sensível e o afeto nas práxis educativas, é importante compreender o conhecimento, não como algo a ser dado, mas como algo a ser construído e sentido, capaz de tocar nosso ser profundamente. Desse ponto de vista, o conhecimento construído é mais do que intelectual, é também intuitivo, é um conhecimento global das coisas. Internalizamos vários aspectos de um fenômeno, interpretando-os a partir da percepção que temos do que vemos, de onde estamos e da história que construímos [conhecer] passa pelo limiar do racional e do sensível. (2010, p. 41).

Nós, educadores, temos este papel fundamental de apresentar ao aluno o conhecimento e às experiências que a arte em si pode proporcionar em sua vida e na daqueles que o cercam. É papel do professor ser o mediador de muitos pontos de vista explorado e revelado pelos artistas, e despertar na criança o interesse pessoal do descobrimento.

Ao cursar as disciplinas do curso de mestrado, ao me dedicar ao estudo tendo orientação especializada, assim como, o acesso à literatura e a produção no campo da arte pude ampliar o meu repertório, o que me possibilitou ter mais segurança e vontade de reservar espaço em minhas aulas para as atividades artísticas. Mas para isso, busquei algumas táticas, porque o ensino das artes não tem tanta importância no projeto pedagógico tampouco há uma orientação para que o professor com formação em pedagógica possa orientar práticas sobre este campo do conhecimento. Tendo em vista tal situação, eu tive que começar a criar meios para possibilitar aos



meus alunos o prazer de conhecer o mundo através da arte em meio as disciplinas que tinham maior carga horária e mais conteúdo, como a matemática e a língua portuguesa.

Tática: fazer arte a partir do livro de Língua Portuguesa.

Ao conhecer o livro de Língua Portuguesa que seria utilizado como material pedagógico no segundo ano do ensino fundamental na escola em que atuo, observei que na introdução e no fechamento das unidades era abordada uma produção artística que exemplifica de maneira lúdica o conteúdo desenvolvido. A cada sugestão do livro, eu desenvolvia a leitura e a interpretação de imagens, fazia caminhadas pelas redondezas da escola, levava-os para outros espaços do colégio, juntava as classes, discutia sobre as técnicas empregadas, dentre outras atividades, afim de proporcionar um aprendizado lúdico, em que pudessem interseccionar sensação e razão, como também estimular a produção expressiva.

Uma das atividades sugeridas no encerramento de uma unidade do livro de Língua Portuguesa era a pintura de rosto de um amigo, ou seja o retrato. Então tracei uma serie de atividades em torno da temática deste gênero artístico. Inicialmente, abordei a temática do autorretrato e elaborei práticas em que os alunos pudessem conceber sua imagem. Levei as crianças para o laboratório de informática para visualizarem na lousa imagens de autorretratos de pintores como Van Gogh, Portinari, Picasso, entre outros. Primeiramente, deixei-os observarem todas as imagens e perguntei o que lhes chamava a atenção. Eles ficaram olhando e logo se deram conta de que era uma foto de rosto. Então comecei a questioná-los sobre as características das imagens, se era uma foto, um desenho ou uma pintura; se as imagens dos rostos demonstravam alegria, tristeza, raiva, enfim, qual sentimento eles achavam que o artista estava sentindo na representação de sua própria imagem. Também chamei atenção para as cores utilizadas. A imagem que mais captou o olhar deles, pela beleza, foi uma reprodução da pintura de Tarsila do Amaral. Ela se retratou em um vestido vermelho com uma grande gola e o batom da mesma cor (fig. 1). Pelo lado oposto, a imagem que mais lhes impressionou foi o autorretrato de Rembrandt (fig. 2), por ser muito escuro e confundir o rosto com o fundo.



Figura 1



Figura 2

Conversamos a respeito de um autorretrato ser um retrato que o artista faz de si mesmo, através de um desenho, pintura ou escultura em que ele revela com traços e cores de maneira singular sua imagem. Voltamos para a sala de aula e pedi que, por meio de um desenho, cada um tentasse se retratar. Muitos optaram por um desenho da face, representando nela a tiara, os brincos e os demais acessórios, mas compuseram-na também com elementos os mais distintos. Alguns com tonalidades mais escuras, outros com muitas cores. Guardamos os desenhos. Pedi aos alunos que trouxessem um espelho no dia seguinte.

Ao iniciar a aula, pedi aos alunos que observassem no espelho seus traços físicos, expressões em seus rostos. Solicitei que observassem seus desenhos do dia anterior e conversamos sobre o que haviam retratado e o que estavam observando ao se olharem no espelho. As cores, os adereços, os traços que escolheram desenhar, e também suas expressões, que revelam seu jeito de ser. Eles teceram algumas considerações: *ontem eu estava com uma travessa azul e hoje com uma rosa; eu usei cores muito escuras, fiquei parecido com aquele pintor que só pintava escuro; eu estava feliz da vida, rindo muito.* Eles puderam perceber que o artista revela a si de várias maneiras, e que o modo como utiliza cores e formas atrela a si um modo de ser e um contexto específico. Os retratos podem nos revelar como as pessoas se sentiam e viviam, como também que cada um tem um modo de se vestir, cada um tem um



modo de ser, uma face distinta que lhe confere uma identidade, bem como podemos nos retratar por meio de diferentes linhas, cores e expressões. Segundo Katia Canton:

O Autorretrato é uma forma de registro em que o modelo é o próprio artista. O retratado é quem se retrata. (...) Na verdade, o autorretrato sempre acompanhou o ser humano no desejo de deixar uma marca de sua própria imagem, mesmo depois da passagem de sua vida. Essa autorrepresentação foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo... (2004, p. 03).

A criança, nesta faixa etária, gosta muito de desenhar, e o desenho de si é uma autoafirmação de sua identidade. Por isso, é importante realizar atividades de sensibilização, corporeidade e conhecimento do próprio corpo, bem como acessar meios e materiais que permitam expandir as possibilidades de representar o corpo, a face, o retrato. Pois, "o autorretrato é o espelho do artista. Nele se reflete sua imagem externa, assim como seu estado de espírito e sua própria maneira de ver a arte conforme vai usando cores, luzes, traços, formas e texturas" (CANTON, 2004, p. 13). Os materiais artísticos e seus usos ampliam os modos de apresentação do corpo.

Combinamos que no dia seguinte iríamos para a sala de espelhos (sala de ginástica da escola), onde cada um faria seu autorretrato se observando no espelho e escolhendo as cores de tinta que quisessem. Logo, ao chegarmos à sala cada aluno escolheu um lugar para se olhar e criar o seu autorretrato. Dispus tintas de diversas cores, papéis e pincéis, e eles circularam livremente, criando as suas tonalidades e fazendo o seu autorretrato. Posso dizer que mesmo com o agito e o número de 30 alunos, o que dificulta uma atividade prática diversa, consegui realizar de forma prazerosa, integradora e criativa esta aula (fig. 3 e 4).



Figura 3



Figura 4

Por fim, aproveitei que os alunos,comumente, estavam sentados de dois em dois e pedi que observassem o colega do lado e tentasse representá-lo no papel, escolhendo as cores de sua preferência. Como já haviam feito o autorretrato, pintar o colega pareceu mais fácil. Também, assim como em outras atividades o trabalho em duplas ou em grupos, auxilia o próprio aluno a construir seus conhecimentos.

Considerações finais

Considero que, mesmo estando cursando o mestrado em Artes Visuais, ainda tenho muitas dúvidas sobre qual é a melhor maneira de abordar a linguagem da arte na sala de aula, com mais responsabilidade em pensar uma proposta pedagógica que valorize e reflita sobre as experiências estéticas e artísticas dos alunos, bem como lhes revele o universo da arte. Entretanto cada vez mais constato que a arte auxilia no processo cognitivo e confere ao aprendizado muito prazer e encantamento, ou seja é mais fácil e alegre aprender por meio da arte. E, pude constatar que as táticas desenvolvidas nesta turma foram maneiras que encontrei de inserir a linguagem da arte e a experiência artística em um projeto pedagógico escolar que não a contempla.



Referências

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte*. 2. ed. São Paulo: Educ, FAPESP, Cortez, 2003.

DUARTE JR., J. F. *A montanha e o videogame – Escritos sobre educação*. Campinas: Papirus, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MEIRA, M.; PILLOTTO, S. *Arte, Afeto e Educação a sensibilidade na ação pedagógica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PAIM, Cláudia. *Táticas de artistas na América Latina: Coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados*. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.

PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino da arte*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

PROJETO BURITI: português / organizadora Editora Moderna. São Paulo: Moderna, 2010.

RICHTER, Sandra. *Criança e pintura: ação e paixão do conhecer*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 2010.

VYGOSTKY, Lev. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.